

# OS ESTUDOS SOBRE EMPATIA: REFLEXÕES SOBRE UM CONSTRUTO PSICOLÓGICO EM DIVERSAS ÁREAS CIENTÍFICAS

2012

**Nilton Soares Formiga**

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba, Brasil. Doutorado pela mesma universidade. Docente na Universidade Estadual da Paraíba como professor substituto

E-mail:

[nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com)

---

## RESUMO

O estudo da empatia tem interessado a Psicologia desde a sua fundação científica. Pode-se definir este construto como uma resposta afetiva de origem evolutiva que é mais apropriada à situação do outro do que da própria pessoa. Os estudos sobre esse tema contempla a área da ciência da saúde, social e humanas. Este estudo tem como objetivo avaliar as pesquisas sobre a empatia em diversos campos científicos. O fato é que, independente da diversidade do tema e sua ocupação em muitos espaços da ciência humana, faz-se necessário enfatizar a utilidade desse construto para a formação humana e promoção de uma agenda de pesquisa, que seja mais um fator de proteção da vulnerabilidade social e psíquica, mas que influencie na organização e manutenção resiliente frente às adversidades interpessoais.

**Palavras-chave:** Empatia, psicologia, ser humano

---

## INTRODUÇÃO

Não faz muito tempo que a mídia brasileira mobilizou o país com o objetivo de apoiar e amenizar o sofrimento das pessoas que moravam nas cidades de Minas Gerais e Santa Catarina atingidas pelas chuvas; um desastre meteorológico que, ao mesmo tempo que deixava muitas vítimas, conduziu pessoas, independente de classe social, educacional e religiosa, a solidariedade com aqueles que perderam objetos domiciliares e entes familiares, envolvendo-nos, explicitamente, em uma co-participação emocional com as vítimas. Essas pessoas foram

empáticas! Pois, acompanhando, informalmente, o desenrolar dessa divulgação percebi comportamentos, pensamentos e sentimentos de intropatia (Conceito de sentimento interior (*Einfühlung*) na filosofia fenomenológica), expressada, atualmente, como empatia.

Filosoficamente, a empatia é considerada como união ou fusão com outros seres ou objetos (Abbagnano, 1998; 333); psicologicamente, pode ser considerada como uma experiência indireta de uma emoção próxima à emoção vivida por outra pessoa (Eisenberg & Miller, 1987). Psíquica ou socialmente, essas concepções apontam em direção de uma condição estruturante no ser humano: a potencialidade de pensar e elaborar um apoio, social ou afetivo, ao outro, de ser, estar e ter uma cumplicidade com a situação do outro. Hipoteticamente, antecede-se aos comportamentos pró-sociais ou altruísmo, o qual, pode até existir de fato, mas, não será realmente empático, se e somente se, atender uma deseabilidade social da própria pessoa (Leyens & Yzerbyt, 1997); mas, não quer dizer que não haja uma relação positiva entre eles.

Mesmo que Batson e cols. (1981) defendessem a existência relacional entre os construtos empatia-altruísmo, a empatia decorre de uma excitação emocional negativa ou positiva. No seu modelo teórico não é excluído a capacidade de que a pessoa poderá ajudar mesmo que, para ela, não ocorra um ganho para si mesmo; por outro lado, essa situação contraria a teoria do reforço a qual contribui para reflexão desse construto já que, incluso no desenvolvimento humano, a empatia seria um fator da interação social que tornaria o sujeito hábil em perceber, regular e lidar com o reconhecimento das emoções na sua dinâmica social e a importância e valor dos outros (Michener, DeLamater & Myers, 2005).

Ao tratar deste construto, caminha-se em direção contrária da exigida pela sociedade atual; condição essa onde se encontra cada vez mais, a divulgação de espaços e práticas individualistas, camufladas com “preocupações” com os contextos sociais, grupos e pessoas, mas que, na maioria das vezes visa apenas a si mesmo e seu próprio consumo e utilitarismo cooperativo como produtos lucrativos das relações humanas, desconsiderando o bem comum (Dumont, 1985; Ocejá & Jiménez, 2007; Lipovetsky & Charles, 2004); essa situação parece gerar uma contabilidade e bolsa de valores sócio-emocionais e de espetáculo social para que promova o sustento de uma imagem simpática e “legal” na busca de uma etiqueta, reconhecida para os outros, de que se é uma pessoa sensível e que se pode ‘contar com ela a qualquer hora’ para resolver os problemas; mas, apenas, seus problemas pessoais.

Esse discurso, muito freqüente entre os teóricos sociais e psicanalistas com uma ênfase mais culturalista e social, deflagra o tempo da sociedade narcísica e egoísta - excessivamente, egoísta - (Beltrán & Cardona, 2005; Wanderley, 199:), que toca, justamente, no *calcanhar de Aquiles* do conhecimento e na importância das relações humanas quanto a necessidade de se estar para e com o outro para aprender ou até a re-aprender a viver, a ser, a dividir, a comungar-se, permitindo e conduzindo ao condicionamento para uma consciência a diversidade, convivibilidade, responsabilidade e auto-atualização constante (Morin, 2005). Tal condição contribui para a compreensão dos diversos fatores de que somos compostos -

antropologicamente, homo somaticus, vivens, sapiens, volens, socialis, culturalis, faber, ludis e etc. – (Mondin, 1980), ‘separados apenas em termos didáticos, com objetivo de assimilação educacional, mas, não sendo possível tratá-los isoladamente, já que ao assumirmos a preocupação, percepção e apercepção do outro nas nossas relações apoiá-los-íamos para além do alívio do outro, contribuindo para um sistema social humano e envolvido com todos os seres humanos.

Berlin (1997), aproximadamente, entre as décadas de 50 a 70, em seus escritos sobre a humanidade, apontava para a necessidade de que, mesmo sobre a égide da ciência, os pensadores e as pessoas comuns, deveriam exigir e se formar não somente nos conhecimentos dos fatos, mas, que a compreensão destes devesse emparelhar-se aos suportes afiliativos das pessoas. Essa condição permitiria conceber que a vida nas sociedades não estaria inclusa, especificamente, numa ciência natural apenas – medir e provar a realidade, o fato – o que segundo Berlin (1997), foi o que originou o “grande abismo” entre ciências naturais e humanas; não bastava mensurar, mas, é necessário compreender profundamente a qualidade particular de um ser humano individual e distingui-lo de outro, simpatizando-se.

Assim, Berlin (1997) apela para uma imaginação, intelectual ou não, que seja capaz de permitir a todos nós uma compreensão intuitiva sobre um sistema de valor do ser humano. O fato principal, é que Berlin (1997; ver também, Morin, 2005) buscavam a idéia de uma cultura e sua compreensão de unidade e variedade, suas semelhanças, mas também - e isso era de extrema importância – suas dessemelhanças com as outras culturas.

Investe-se em alcançar, juntamente, com toda a sociedade, um grau de autoconhecimento incluso na história, psicologia, antropologia, sociologia, etc. do ser humano, e muito mais, na incessante busca em prestar mais atenção aos estágios de crescimento social de um povo ou comunidade a fim de não cair novamente, não somente no isolamento do outro, mas, evitar ao máximo a impossibilidade de que o outro não deixe de viver o direito humano e de ser humano.

O estudo sobre a empatia, apesar de não ser algo novo, pois já no final do século XIX se discutia a respeito desse construto, se bem que não na direção que aqui é enfatizada, em uma perspectiva social – e porque não psicossocial? – mas, acolhida pela psicologia alemã, especificamente, no campo das influências fisiológicas da psicologia sensorial, da percepção e dos estudos sobre a consciência e introspecção, bem como, nos estudos sobre a experiência estética na arte (Wispé, 1990; ver também, Schultz & Schultz, 1998), todos, influenciados, direta ou indiretamente, pela psicologia da Gestalt. Esta, por sua vez, defendia o seguinte princípio teórico: os valores do objeto percebido não se devem as atribuições que o próprio sujeito categoriza o objeto, mas antes, a identificação com os objetos e definição pelo sujeito como parte do objeto identificado, não havendo com isso, oposição entre fato e valor (Penna, 1997), ou porque não dizer, a disposição funcional para troca exposta, incondicionalmente, para o outro.

Ao reconhecer essa disposição assume-se não apenas uma ressonância interpessoal, mas, segue-se além, estaria agindo sobre uma ética relacional, onde não somente respeita e compreende o outro, mas, se inclui no campo do seu problema, uma vez que se apresente uma atitude de abertura (Depraz, 2005). Neste sentido, é possível que o psiquismo, tanto de quem precisa de ajuda quanto daquele que ajuda (ou melhor, de quem empatiza) está disposto a acolher, podendo, segundo Depraz (2005), desdobrar os horizontes de sentido da situação sofrida, reabrindo espaço para interação entre as pessoas.

Nesta direção teórica, mesmo que no campo da filosofia fenomenológica e psiquiatria, Depraz (2005) apresenta concepções muito próximas que a psicologia e psicologia social e do desenvolvimento defende quanto à preocupação com o outro (ou a empatia), mesmo que numa perspectiva teórica distinta. Esse “sincretismo” sócio-humano permite a pessoa que toma consciência do problema do sujeito atuar não somente com ele, mas, ampliar sua intervenção, fazendo com que, em termos sistêmicos, todos os envolvidos pudessem se envolver na solução, co-participando desta, dirigindo a atenção da pessoa que não sofre diretamente para a relação entre elas, isto é, sair da percepção de que há um objeto adoecido para um sujeito pessoal.

O fato é que a ênfase nos estudos da empatia tangencia a apreensão desse construto como algo associado às ciências da religião ou misticismo, tendendo a descoberta do transcendente, da força interior, da energia vital, da co-participação ecológica, etc. (Miele, 2001; Oliveira, 2001); aponta-se em direção da condição humana e seu espaço gregário, não a luz do pensamento Hobbemisano, na busca da lei perfeita a fim de não se “devorar” o homem pelo próprio homem, mas, na disponibilidade de ser co-partícipe com o outro e suas dificuldades.

Desta maneira, nos mais variados campos do saber psicológico se pode perceber que este construto tem sua importância: da psicologia experimental a do desenvolvimento, da aprendizagem a psicologia social; apresentando com isso a inclusão da teoria da empatia no *continuum* do desenvolvimento social humano. Partindo dessas concepções, dos clássicos aos atuais estudos em diversos países, o construto da empatia tem sido relacionado com moralidade, comportamento pró-social, justiça, culpa, emoção, cultura, etc. (Camino & Camino, 1996; Coplan & Goldie, 2011; Formiga, Rique, Galvão, Camino & Mathias, 2011; Hoffman, 2000; Leyens & Yzerbyt, 1997; Michener, DeLamater & Myers, 2005; Sampaio, Monte, Camino & Roazzi, 2008). Tendo sua importância, qual o espaço ocupado no Brasil sobre esse tema?

Para isso, realizou-se uma busca para aferir a existência de estudos que abordavam a empatia, efetuando uma pesquisa com combinações de palavras-chave: empatia; empatia, psicologia e desenvolvimento (Index Psi, 2008; Scielo, 2008; Pepsic-Bvs-Psi, 2008); encontrou-se, aproximadamente, 30 artigos sobre o tema, distribuídos na área da psicologia do desenvolvimento, da saúde (especificamente, na área da enfermagem e neonatologia), psicologia clínica, psicologia de grupo, psicologia escolar, educação, recursos humanos e psicométrica, havendo uma maior concentração de estudo na área da clínica em psicologia e da enfermagem. Considerando a importância do estudo da empatia no Brasil, comparado aos dos estudiosos que

vem sido desenvolvido em outras universidades estrangeiras, pode-se agrupar da seguinte forma os estudos brasileiros sobre o tema: grupo 1: concentra psicologia do desenvolvimento e psicologia social; grupo 2: saúde e cuidados internos hospitalizados; grupo 3: clínica, e grupo 4: psicometria.

**O grupo 1** os estudos tem focalizado variáveis como práticas educativas, competência social, prevenção da agressão e justiça distributiva. Motta, Falcone, Clark e Manhães (2006) desenvolveram um estudo em que avaliavam as práticas educativas e os níveis de empatia em crianças que viviam em abrigos de longa permanência e curta permanência e as que moravam com suas famílias. Observaram que as crianças, tanto na empatia quanto nas práticas educativas, do Abrigo de curta permanência apresentaram escores inferiores aos das crianças do Abrigo de longa permanência e das crianças que vivem em família.

No estudo de Cecconello e Koller (2000) a empatia é relacionada à competência social (isto é, uma pessoa que é capaz de ser sensível e empática com seus pares, de se engajar em atividades sociais positivas, formar relações de amizade e adaptar-se em situações de stress) em crianças em situação de pobreza; esses autores observaram, em relação ao gênero, as meninas apresentaram melhores resultados do que os meninos na empatia e na competência social. E mais! As crianças mais velhas são mais competentes socialmente e que as crianças mais empáticas tendem a ser mais competentes socialmente do que as outras.

O estudo de Pavarino, Del Prete e Del Prete (2005) trata da empatia como prevenção da agressão; os autores tomam como base teórica entre essas variáveis a capacidade de se conduzir os sujeitos no treinamento das habilidades sociais a partir de programas educacionais de prevenção que contribuíam para um desenvolvimento saudável tanto do sujeito em si quanto daqueles incluso na sua interação. De forma geral, apesar de um estudo teórico, Pavarino, Del Prete e Del Prete (2005) não somente já exigia um maior investimento sobre os estudos da empatia, bem como, a influência deste construto para o ajustamento psicossocial; sendo assim, ao considerar as reflexões desses autores abrir-se-ia tanto uma nova área de estudo no campo da psicologia, quanto, estaria em acordo com as recomendações e os programas de intervenção propostos pela UNICEF em relação a uma participação e formação educacional a não-violência, onde todos estariam incluso (pais, professores, jovens, policiais, etc.).

Por fim, ainda no grupo 1, o estudo de Sampaio, Monte, Camino e Roazzi (2008) trata-se da relação entre empatia e raciocínios distributivos em adolescentes; a questão da justiça distributiva, faz referência, aos estágios de desenvolvimento moral que as pessoas passam e sua inclusão nas dimensões cognitiva e afetiva dessa etapa. A justiça distributiva, observado por Piaget (1932/1994), aponta em direção aos distintos princípios distributivos que ocorre da infância até a adolescência; para ele, à medida que as pessoas evoluem moralmente – isto é, há um deslocamento cognitivo e afetivo que parte da noção de justiça distributiva por retribuição, passando pelo igualitarismo absoluto e seguindo em direção à justiça equitativa (Sampaio, Monte, Camino & Roazzi, 2008; 275).

Desta forma, considerando a empatia, como a experiência indireta de uma emoção próxima a uma emoção vivida por outra pessoa (Eisenberg & Miller, 1990), Sampaio e cols. (2008), com base na teoria de M. Hoffman, o qual acredita na importância das relações entre afetividade e cognição para que a pessoa possa internalizar e construir os princípios que regem a moral e a vida em sociedade postula-se a existência de relações entre a empatia e a justiça distributiva. Para Sampaio e cols. (2008), os afetos empáticos gerados nas situações cotidianas podem ser capazes de ativar diferentes tipos de princípios distributivos.

Apesar dessa hipótese teórica, os autores, observaram que, o nível geral de empatia não exerceu influência as decisões distributivas dos respondentes, mas, os componentes cognitivos e afetivos deste constructo relacionaram à maneira como as pessoas julgaram a justiça distributiva. No que diz respeito à cognição, a tomada de perspectiva pareceu ter desempenhado papel-chave nas decisões dos participantes. Especificamente, as dimensões de tomada de perspectiva e de personal distress (angústia pessoal), bem como, as variáveis, sexo e tipo de escola, influenciaram a distribuição da quantidade de dinheiro que os sujeitos consideravam melhor distribuído entre os personagens da história apresentada a eles no estudo.

Em relação ao **grupo 2** – enfermagem e cuidados com hospitalizados – os estudos, em sua maioria, não abordam a empatia na base teórica a qual vem sendo enfatizada, mas, apenas em termos de atenção e cuidado com o outro. Sobre esse aspecto, foi que Echer (2005) chegou a elaborar um manual que fosse capaz não somente de orientar o profissional, mas também, subsidiar a linguagem acessível e compreensível entre profissionais, pacientes e familiares, reforçando assim, a educação em saúde.

De forma geral abordam-se a respeito da qualidade do cuidado direto e indireto com os recém-nascidos e adultos hospitalizados na urgência ou não, crônicos ou não (Oliveira & Rodrigues, 2005), procurando entender os vínculos interpessoais influenciadores ao atendimento da saúde valorizando a interação e apoio da família com do doente (Marcon; Radovanovic; Waidman; Oliveira & Sales, 2005), a formação educacional crítica, contínua e auto-atualizante quanto ao cuidar e do desenvolvimento de competências no apoio e compreensão com o paciente na saúde mental (Tavares, 2005; Pires, 2005), do reconhecimento do limite e fissuras profissionais existentes para atuar de forma mais qualitativa na saúde do paciente (Saupe & Budó, 2006) fazendo com que se busque conhecimento e aprofundamento nas ciências afins; por exemplo, Silva e Silva (2005) observaram que é possível reconhecer, de forma mais significativa, o nível de auto-estima em pacientes com queimaduras, quando estavam mais envolvidos e dedicavam mais tempo a estes e quando estavam mais dispostos a perceber as expressões não-verbais. Esses autores observaram uma relação com o paciente de melhor qualidade, potencializando a capacidade de compreender o problema que estavam passando, tornando sua relação com os cuidadores e seus familiares menos conflitante.

No **grupo 3** – empatia na clínica - os estudos sobre esse tema discorrem sobre a verbalização cliente-terapeuta e a evolução teórica e aplicada a área clínica em diversas abordagens, o quais,

também, não são muitos. Coelho Junior (2004), aborda a psicanálise de Ferenczi e a experiência empática apresentando as mais variadas experiências – da surpresa ao trauma a semelhança, projeção e transferências - que pode ocorrer no contato com a pessoa - isto é, um outro. Tais experiências conduzem ao conhecimento e entendimento do outro, a fusão afetiva e as diferenças entre eles, porém, se tomadas como exercícios epistêmicos e teóricos implicariam uma dimensão clínica e ética fundamental quanto ao “lugar que o outro ocupa em minha vida, de que maneira me relaciono com ele, quais as conseqüências, para um outro, de minhas falas e ações” (p. 74), condição essencial para a lida com a intersubjetividade, categoria psíquica, que para Coelho Junior (2004) seria o antecedente da empatia.

Esse estudo desenvolvido por Coelho Junior (2004), além de surgir com os gregos – considerando a possibilidade de estar dentro, estar presente, viver com e como o outro o seu sofrimento ou dificuldade, sendo capaz de projetar de modo imaginativo sua consciência e, assim, apreender o objeto contemplado, ora a capacidade de compreender os sentimentos e os pensamentos de um outro, colocando-se 'em seu lugar' – Freud já fizera uso em seus textos, em um sentido predominantemente cognitivo, mas, considerando sim, como empatia (Einfühlung), por exemplo no livro sobre os chistes de 1905, no texto de 1913, "Sobre o início do tratamento", ele afirmava ser algo central na análise a experiência da empatia, algo primordial para que se estabeleça os processos transferenciais – inclusive Freud chega a dizer que é necessário uma atitude de interesse carinhoso e simpatia – o que contribui para a obra de Ferenczi e sua prática que privilegiava a mutualidade, a igualdade e a simetria entre analista e paciente.

Essas experiências e práticas de Ferenczi com ênfase na empatia, segundo Coelho Junior (2004), permitiu que se inovassem as técnicas psicanalíticas, mesmo que este apresentasse uma postura fiel ao método de Freud, mas, retruca quanto a condição de ele – o próprio Ferenczi – ser humano e também suscetível de humores, simpatias e antipatias e também de ímpetos pulsionais e que sem essa sensibilidade não poderia mesmo compreender as lutas psíquicas do paciente. Ferenczi se encontra no decorrer dos seus escritos maduros uma condição clara quanto ao envolvimento com as tramas intersubjetivas e empáticas da experiência analítica; segundo Coelho Junior (2004), ele afirma que essa experiência seria algo como se “duas metades da alma se completassem para formar uma unidade. Os sentimentos do analista entrelaçam-se com as idéias do analisado e as idéias do analista (imagens de representações) com os sentimentos do analisado” (p.83).

O estudo de Falcone, Gil e Ferreira (2007), ainda na área clínica, aborda a freqüência de verbalização empática entre terapeutas em diferentes orientações clínicas; segundo esses autores, a relação entre a empatia manifestada pelo terapeuta e a eficácia do tratamento tem sido largamente apontada em vários estudos; o contrario prejudica a aliança, impedindo o progresso do tratamento e exercendo um impacto nocivo sobre os sentimentos e a auto-estima dos pacientes.

Assim, Falcone e cols. (2007) desenvolveram um estudo comparativo da frequência de verbalização empática entre dezesseis terapeutas distribuídos em quatro grupos de diferentes orientações: terapia centrada na pessoa, Gestalt-terapia, terapia cognitivo-comportamental e lacanianiana; observaram que a orientação analítica centrada na pessoa apresentou uma frequência de verbalização empática superior às outras orientações (Gestalt-terapia, terapia lacanianiana, cognitivo-comportamental). Porém, no que diz respeito à avaliação do cliente, observou-se, que a frequência de verbalização empática do grupo de Gestalt-terapia foi superior à dos terapeutas das outras três orientações.

De forma geral, algo pode ser dito: existe a possibilidade da empatia ser manifestada pelo terapeuta com uma predominância do componente cognitivo (através de percepção acurada do estado interno do cliente) ou do componente afetivo (através de demonstração de calor, acolhimento, aceitação e afeto). Sendo assim, alguns clientes podem se sentir mais ou menos compreendidos por seus terapeutas, dependendo de suas demandas. Todavia, clientes que buscam um entendimento de seus problemas mais orientado para o insight poderão se sentir mais compreendidos pelos terapeutas que manifestam empatia acurada (cognitiva). Já os clientes que necessitam de validação ou de "ventilação" dos seus sentimentos podem requerer mais a empatia afetiva do terapeuta.

No **grupo 4**, que aborda a psicometria, estudos foram desenvolvidos com o objetivo de avaliar e adaptar escalas que medem o construto da empatia; um fato merece ser destacado: já que não são muitos os estudos correlacionais e preditivos em relação a empatia, muito menos serão os estudos que abordem a construção e adaptação desse construto. Fato comprovado!

Na pesquisa realizada no site de busca de periódicos, apenas dois foram encontrados. Um desses estudos foi desenvolvido por Falcone, Ferreira, Luz, Fernandes, Faria, D'Augustin, Sardinha e Pinho (2008) com o objetivo de analisar as características psicométricas do Inventário de Empatia; este foi elaborado a partir de uma diversidade de estudos sobre o construto em questão e que identificou 16 situações de interação social, fornecidas por essa literatura foi composta uma escala inicial com 74 itens, baseados nos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais da empatia, com afirmativas do tipo Likert, e aplicada em 715 universitários homens e mulheres e das diversas áreas universitárias. Os autores identificaram quatro fatores representativos: Tomada de Perspectiva, Flexibilidade Interpessoal, Altruísmo e Sensibilidade Afetiva; estes apresentaram índices de consistência interna variando entre 0,72 a 0,85.

O segundo estudo foi desenvolvido por Ribeiro, Koller e Camino (2002), esses autores, adaptaram e validaram duas escalas de empatia em brasileiros: a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis (EMRI), uma medida de reatividade interpessoal composta por três subescalas com sete itens cada, que avaliam componentes afetivo, cognitivo e comportamental e a Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes de Bryant (EECA), composta por 22 itens afirmativos e negativos, devendo ser respondido se concordar ou não com cada afirmativa. Respostas empáticas são pontuadas com um ponto, já as respostas não empáticas

são pontuadas com zero pontos, assim, quanto maior o número de pontos obtidos, maior o nível de empatia. Aplicado em adolescentes do nível sócio-econômico alto e baixo, masculino e feminino e escolas públicas e privadas de João Pessoa/PB e Porto Alegre/RS, os autores observaram os seguintes resultados: para as duas escalas – somatório geral - a consistência interna apresentou alfas acima de 0,70; quanto as três subescalas da EMRI, o componente afetivo apresentou um alfa de 0,67, cognitivo alfa de 0,63 e comportamental alfa de 0,54, recomendando à utilização de ambas as versões. Como dado adicional, uma validade convergente entre elas foi realizada, observando uma correlação da EECA com os componentes afetivo, cognitivo e comportamental da EMRI.

Independente das concepções teóricas e áreas em o construto empatia vêm sendo aplicado algo importante pode ser destacado: a preocupação e inclusão com o outro em seu sofrimento psíquico e social. Nos variados estudos brasileiros sobre o tema, cada um do seu modo, pode ser traduzido na condição de se investir em habilidades ‘psicossociais’ capazes de reconhecer e agir emocional, cognitiva e comportamental com outrem, bem como, contribuindo para melhoria, em qualidade, das relações interpessoais e os vínculos afetivos. Afinal o construto da empatia no ser humano é condição, sine quo non, do processo da aprendizagem, desenvolvimento e a experiência social permitindo uso mais efetivo das capacidades comunicativas e afetivas na dinâmica interpessoal.

Pesquisador ou não, tanto nós quanto os outros, frente a demanda psicossocial atual – individualista, egóica, narcísica - o que mais precisamos é a compreensão a natureza do sofrimento em geral do ser humano e o interesse de forma sincera pelas pessoas que vivem tal condição, o que não tem nada com ser ou não caridoso ou adeptos de movimentos sociais contra a fome ou qualquer coisa que lute pela dificuldade da sobrevivência física, social e psíquica do ser humano. Em todos os estudos sobre empatia no Brasil é destacável que não basta ensinar a empatia, mas também, ser empático e praticá-la.

O fato é que a empatia, considerando todos os estudos no país, tem o poder de abrir canais comunicativos, objetivo ou subjetivo, para relação com o outro, tendo como foco: estimular e simular convicções, desejos, percepção e o contexto do outro observando os sentimentos e emoções que o conduziram para ser empático; estimular ou simular sentimento e emoção e analisar a lógica (razão) da pessoa, e quando não satisfatória, ajustar; gerar no sujeito um compromisso empático que permita compreender e predizer o comportamento do outro (Eisenberg & Strayer, 1990). Teórica e metodologicamente, os estudos que tratam da empatia no Brasil, todos tem sua importância em suas áreas específicas: da psicologia do desenvolvimento e educação a clínica.

Porém, discorrer a respeito da qualidade do desenho da pesquisa realizado em cada estudo para avaliar esse construto e a perspectiva teórica talvez não seja adequado, afinal, a empatia, em sua metodologia, tem uma diversidade de aplicação para sua mensuração, por exemplo: índice de interpretação de histórias e imagens, responsável por evocar, em crianças, as emoções básicas e

complexas (Strayer, 1990); índice somático que busca mensurar a empatia avaliação global e específica da emoção (face, gesto, palavras) (Marcus, 1990); índice fisiológico, o qual apesar de existir problemas de mensuração tem a capacidade, especificamente, avaliar, através de estímulos, gestos e expressões faciais de forma mais concreta (Eisenberg, Fabes, Bustamante & Mathy, 1990); avaliação da reação emocional da empatia, que pede ao sujeito que discorra sobre o que uma pessoa (transeunte – ator) está sentindo, pensando ou fazendo no momento da observação (Batson, 1990).

Desta maneira, todos os estudos que avaliaram a empatia no Brasil podem ser incluídos em cada tipo de metodologia destacada Eisenberg e Strayer (1990), mas, os estudos desenvolvidos por Sampaio, Monte, Camino e Roazzi (2008), Falcone, Ferreira, Luz, Fernandes, Faria, D'Augustin, Sardinha e Pinho (2008), Ribeiro, Koller e Camino (2002) e Pavarino, Del Prete e Del Prete (2005) podem ser considerados os que apresentam maior adequabilidade teórica e empírica quanto a mensuração e explicação das variáveis dependentes a partir da empatia. Independente disto, o que importa é a promoção de uma agenda de pesquisa que incentive o estudo da empatia no Brasil, pois não somente seria mais um fator de proteção da vulnerabilidade social e psíquica, bem como, para uma condição de resiliência frente às adversidades interpessoais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, N. (1998). Empatia. In: Dicionário de filosofia. (p. 325). São Paulo: Martins Fontes.
- Batson, C. D. (1990). Self-report ratings of empathic emotion. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), Empathy and its development (pp 356-360). New York: Cambridge University Press.
- Batson, C. D. e cols. (1981). Is empathic emotion a source of altruistic motivation? *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(2), 290-302.
- Beltrán, M. A. V. & Cardona, M. A. (2005). La sociología frente a los espejos del tiempo: Modernidad, postmodernidad y globalización. Medellín: Universidad EAFIT.
- Berlin, I. (1997/2002). Estudos sobre a humanidade. Uma antologia de ensaios. São Paulo: Companhia das letras.
- Camino, C. e Camino, L. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. In Z. D. Trindade & C. Camino (Eds.), *Cognição social e juízo moral (Coletâneas da ANPEPP)*, (pp. 109-135). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de psicologia*, 5 (1), 71-93.
- Coelho Junior, N. E. (2004). Ferenczi e a experiência da Einfühlung. *Ágora*, 7 (1), 73-85.
- Coplan, A. e Goldie, P. (2011). *Empathy: Philosophical and Psychological Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Depraz, Natalie. A ética relacional: uma prática de ressonância interpessoal. *Revista do departamento de Psicologia da UFF*, 17 (2), 19-34.
- Dumont, L. O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.
- Echer, I. C. (2005). Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (5), 754-757.
- Eisenberg, N., & Miller, (1990). Empathy, sympathy and altruism: empirical and conceptual links. N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development* (pp 292-316). New York: Cambridge University Press.

Eisenberg, N., & Strayer, J. (1990). *Empathy and its development*. New York: Cambridge University Press.

Eisenberg, N.; Fabes, R. A.; Bustamante, D. & Mathy, R. M. (1990). Physiological indices of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development* (pp 380-385). New York: Cambridge University Press.

Falcón, G. S.; Erdmann, A. L. & Meirelles, B. H. S. (2006). A complexidade na educação dos profissionais para o cuidado em saúde. *Texto contexto - enfermagem*, 15 (2), 343-351.

Falcone, E. M. O. e cols. (2008). Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação psicológica*, 7, (3), 321-334.

Falcone, E. M. O.; Gil, D. B. & Ferreira, M. C. (2007). Um estudo comparativo da frequência de verbalização empática entre psicoterapeutas de diferentes abordagens teóricas. *Estudo de psicologia (Campinas)*, 24 (4), 451-461.

Formiga, N., Rique, J., Galvão, L., Camino, C. e Mathias, A. (2011). Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI: consistência estrutural da versão reduzida. *Revista Psicologia, Trujillo (Perú)*, 13(2), 188-198.

Index Psi. (2008). Empatia; empatia, psicologia, desenvolvimento. Endereço da Página WEB: <http://www.Indexpsi.org.br> (Consultado em 20 de Novembro de 2008).

Leyens, J-P & Yzerbyt, V. (1997). *Psicologia social*. Lisboa: Edições 70.

Lipovetsky, G. & Charles, S. (2005). *Os tempos hipermodernos*. Sao Paulo: Barcarolla.

Marcon, S. S.; Radovanovic, C. A. T.; Waidman, M. A. P.; Oliveira, M. L. F. & Sales, C. A. (2005). Vivência e reflexões de um grupo de estudos junto às famílias que enfrentam a situação crônica de saúde. *Texto contexto – enfermagem*, 14, 116-124.

Marcus, R. F. (1990). Somatic indices of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development* (pp 374-379). New York: Cambridge University Press.

Michener, H. A.; DeLamater, J. D. & Myers, D. J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning.

Mielle, N. (2001). Coração celeste: estudo junguiano e taoísta sobre intuição. In: A. de León & S.. C. Maldonado (orgs.). *Saberes emergentes*. (pp. 129-143). João Pessoa: Manufatura.

Mondin, B. (1980). *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus.

- Morin, E. (2005). Os setes saberes necessários á educação do futuro. São Paulo: Cortez.
- Motta, D. C. ; Falcone, E. M. O.; Clark, C. & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia. Estudo*,11 (3), 523-532
- Oceja, L. & Jiménez, I. (2007). Beyond Egoism and Group Identity: Empathy toward the Other and Awareness of Others in a Social Dilemma. *The Spanish Journal of Psychology*, 10 (2), 369-379.
- Oliveira, I. C. S. & Rodrigues, R. G. (2005). Assistência ao recém-nascido: perspectivas para o saber de enfermagem em neonatologia (1937-1979). *Texto contexto – enfermagem*, 14 (4),.498-505.
- Oliveira, R. (2001). O imaginário do encontro: magia e ecologia. In: A. de León & S. C. Maldonado (orgs.). *Saberes emergentes*. (pp. 75-88). João Pessoa: Manufatura.
- Pavarino, M. G.; Del Prete, A. & Del Prete, Z. (2005). Desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36 (2), 127-134.
- Penna, A. G. (1997). *Repensando a psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pepsic.Bvs-Psi. (2008). Empatia; empatia, psicologia, desenvolvimento. Endereço da Página WEB: <http://www.pepsic.bvs.org.br> (Consultado em 20 de Novembro de 2008).
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (2. ed.). São Paulo, SP: Summus. (Original publicado em 1932).
- Pires, M. R. G. M. (2005). Politicidade do cuidado como referência emancipatória para a enfermagem: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (5), 729-736.
- Ribeiro, J., Koller, S. H., & Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18(3), 43-53.
- Sampaio, L. R.; Monte, F. C.; Camino, C. e Roazzi, A. (2008). Justiça distributiva e empatia em adolescentes do nordeste brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 275-282.
- Sampaio, L. R.; Monte, F. C.; Camino, C. P. S. & Roazzi, A. (2008). Justiça distributiva e empatia em adolescentes do Nordeste Brasileiro. *Psicologia Reflexão e Critica*, 21 (2), 275-282.
- Saupe, R. & Budó, M. L. D. (2006). Pedagogia interdisciplinar: "educare" (educação e cuidado) como objeto fronteiro em saúde. *Texto contexto - enfermagem*.15 (2), 326-333.

Schultz, D. P. & Schultz, E. S. (1998). História da psicologia. São Paulo: Cultrix.

Scielo. (2008). Empatia; empatia, psicologia, desenvolvimento. Endereço da Página WEB: <http://www.scielo.br> (Consultado em 20 de Novembro de 2008).

Silva, M. & Silva, M. J. P. (2004). A auto-estima e o não-verbal dos pacientes com queimaduras. Revista da escola de enfermagem da USP 38 (2), 206-216.

Strayer, J. (1990). Picture-story indices of empathy. N. Eisenberg & J. Strayer (org), Empathy and its development (pp 351-355). New York: Cambridge University Press.

Tavares, C. M. M. (2006). A educação permanente da equipe de enfermagem para o cuidado nos serviços de saúde mental. Texto contexto – enfermagem, 15 (2), 287-295.

Wanderley, A. R. (1999). Narcisismo contemporâneo: Uma abordagem laschiana. Physis: revista de saúde coletiva, 9 (2), 31-47.

Wispé, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), Empathy and its development (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.